

**Pandemia de Covid-19 e redes sociais: a ciência entre o crédito e o descrédito***Adriana Ribeiro de Macedo\**

1

**Resumo**

Este trabalho se propõe a pensar os seguintes elementos relacionados ao descrédito da ciência na contemporaneidade: (A) a circulação da fala do especialista que ultrapassa os limites do seu saber, validando informações falsas; o uso de dados científicos e resultados divergentes para fortalecer a coesão interna dos grupos ao redor de certas narrativas e (B) o crédito dado às informações provenientes dos grupos nos quais os sujeitos têm confiança - informações que muitas vezes conflitam com o saber técnico-científico. Compreende ainda que (C) a adesão a uma política pautada em informações fraudulentas se relaciona não apenas com ser enganado, mas também com a busca por respostas que não têm sido dadas pelas crenças hegemônicas socialmente partilhadas - ciência e democracia representativa em especial.

**Palavras-chave:** Extrema-direita; *Fakenews*; Pós-verdade; Ciência; Negacionismo científico.

**Abstract**

This paper aims to comprehend how the following elements are related to the discredit of science nowadays: (A) the circulation of the specialist's speech that goes beyond the limits of his knowledge, validating false information, and the use of scientific data and divergent results to strengthen the internal cohesion of groups around certain narratives; (B) the credit given to information coming from groups reliable for some individuals - information that often conflicts with technical-scientific knowledge. The paper also seeks to understand (C) the adherence to a policy based on fraudulent information also as a search for answers that have not been given by socially shared hegemonic beliefs – especially science and representative democracy.

**Keywords:** Authoritarianism; Extreme right; Fakenews; Post-truth; Science; Scientific denialism.

**Introdução**

O enfrentamento das epidemias depende não só da forma como a sociedade percebe e analisa a experiência atual, mas também de como partilha a memória das epidemias passadas e de como resgata - ou apaga - e avalia no presente o manejo da questão à época (HOCHMAN; BIRN, 2021). O evento que mais tem sido comparado à Covid-19 é a gripe espanhola, que chegou ao Brasil no navio Demerara, que aportou primeiramente no Recife em 1918 (SCHWARCZ, 2021). Dentre os muitos paralelos que podem ser traçados entre a gripe espanhola e a Covid-19, destaco alguns mais pertinentes ao tema em tela.

---

\* Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora e mestre em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

As autoridades políticas e sanitárias deram respostas escassas e inadequadas em ambos os casos, negando inicialmente o problema e em seguida se desresponsabilizando pelos efeitos que saltavam aos olhos. Somente depois buscaram enfrentar a epidemia e suas consequências. Adicionalmente, a economia esteve em primeiro plano, acima da saúde e da vida das pessoas, a quantidade de mortos foi elevada e houve falta de orientação coletiva adequada (SCHWARCZ; STARLING, 2020; GOMES, 2022). A contaminação se deu independentemente de classe, raça e outros marcadores sociais, mas a contaminação e a mortalidade foram maiores entre os mais pobres e na população negra (SCHWARCZ, 2021). Se em 1918, por um lado, havia censura estatal e a imprensa desempenhou um importante trabalho, investigativo inclusive, para informar à população sobre a gravidade da gripe espanhola (SCHWARCZ, 2021; SCHWARCZ; STARLING, 2020), por outro, essa atuou também de acordo com as conveniências de suas relações com grupos políticos (GOMES, 2022).

Na gripe espanhola, assim como na pandemia de Covid-19, houve proliferação de boatos envolvendo medicamentos e alimentos milagrosos. Caldo de galinha, no Rio de Janeiro, caipirinha, em São Paulo, e xaropes eram indicados para o tratamento da gripe espanhola. Apelo ao sobrenatural e práticas de curandeirismo também estiveram presentes. Porém, no caso da gripe espanhola, “nenhuma autoridade referendou esse tipo de xarope” (SCHWARCZ, 2021). Medicamentos sem comprovação científica, a base de quinino, eram explorados comercialmente e vendidos em farmácias para tratar a gripe espanhola. Essa substância está relacionada à produção do que vem a ser hoje a cloroquina (GOMES, 2022), cujo uso, no caso da Covid-19, foi defendido por “autoridades políticas” (SCHWARCZ, 2021).

Apesar de, na gripe espanhola, estarem presentes questões como propagação de boatos e informações enganosas, negação da doença e influência de interesses políticos (SCHWARCZ; STARLING, 2020), Lilia Schwarcz (2021) enfatiza uma diferença entre ambos os processos ao endereçar o termo negação para se referir à gripe espanhola - considerando que a Secretaria de Saúde da época estabeleceu medidas de profilaxia e campanhas visando à informação e prevenção da doença - e o termo negacionismo para a pandemia por Covid-19, considerando que negar a pandemia foi uma política de Estado nesse caso.

Hochman e Birn (2021) compreendem que epidemias revelam as incertezas inerentes à ciência e que a instabilidade da situação leva à disputa da compreensão do fenômeno, do aconselhamento e dos cuidados com outros atores sociais que não as instituições competentes e seus representantes. Contudo, relacionam os movimentos globais de negação pandemia, e da ciência de modo mais amplo, com o negacionismo e revisionismo históricos em relação à escravidão, ao holocausto e aos regimes ditatoriais e ressaltam haver o “[...] ataque sistemático à

ciência e aos cientistas, às organizações internacionais”, além de uma “política de desinformação operada por movimentos e governos de extrema direita [...]” (HOCHMAN; BIRN, 2021, p. 580). Gostaria de abordar essa questão do movimento anticiência a partir das contradições da própria ciência no interior da lógica capitalista.

Em trabalho anterior (MACEDO, 2021), a partir de Giddens (1991) destaquei a questão da fragilidade da confiança depositada na figura do especialista<sup>1</sup>; tal confiança precisa ser socialmente reiterada para se sustentar. Os sujeitos não conhecem os especialistas e não acompanham a fundo seus trabalhos, sua ética e suas construções no tempo e no espaço, não compartilhando seus saberes. Giddens compreendeu esse como um dos mecanismos de desencaixe, que o autor denominou sistemas peritos. Com o desencaixe, a legitimidade dos especialistas e da própria ciência, que depende de crédito, de confiança, não tem grande estabilidade. A confiança na ciência, construída com a modernidade está sob ataque nas redes sociais, o que fomenta o movimento anticiência.

Visito também Tocqueville (2005), para quem a divisão das terras dividia também o poder, para pensar como a diminuição do monopólio da informação com o advento da internet leva a uma reestruturação do poder e se relaciona à “crise de legitimidade de certos sistemas peritos em meio à disputa de grupos com capital ou com financiamento suficiente para fabricar e divulgar massivamente suas narrativas” (MACEDO, 2021).

Um dos fatores relacionados ao descrédito da ciência é a difusão de informações divergentes nas redes sociais lançando mão do imaginário em torno do conhecimento do especialista - cuja fala é socialmente legitimada na sociedade. Muitos profissionais da área de saúde fizeram circular vídeos falando a respeito do que achavam sobre a Covid-19. As falas de uma ampla gama de profissionais diplomados - logo socialmente legitimados em suas áreas de formação - que extrapolaram suas áreas de conhecimento e atuação legitimaram discursos contrários às recomendações nacionais e internacionais de órgãos competentes da saúde a respeito das medidas protetivas e de tratamento da Covid-19, enfraquecendo a confiança social, logo, a adesão às diretrizes de saúde pública no enfrentamento à Pandemia de Covid-19. A questão do uso da crença contra a crença - ou seja, do uso do lugar de especialista porque profissional de saúde e do uso de trabalhos científicos (de qualidade duvidosa ou pesquisas iniciais de medicamentos promissores descartados como opção posteriormente) - contra a ciência e a saúde pública foi um elemento importante na desarticulação das estratégias de saúde pública no combate à Pandemia de Covid-

---

<sup>1</sup> A ideia de especialista remete àquele que, “sob a segura orientação da ciência”, recusa “toda forma de crença e ilusão”, produzindo um “saber que se pretende constante e seguro” que deve servir de referência para as práticas sociais desenvolvidas pelos corpos técnicos, havendo um distanciamento, mas também uma mediação entre teoria e prática (VALLE, 2019, p. 7), sendo também a prática baseada no conhecimento científico.

19. Foi recorrente o uso da figura do especialista para desacreditar as diretrizes sanitárias pensadas pelo corpo técnico de instituições de referência em saúde pública.

Associado ao acima exposto, há a manipulação das emoções na formação e mobilização de uma massa reacionária que, centrada na ideia do inimigo, orbita ao redor do líder que promete segurança e afirma dizer a verdade e desmascarar os inimigos. Para tal empreitada, o líder e seus aliados e contratados usam falas e pessoas apresentadas como especialistas para produzir narrativas fraudulentas que impulsionadas nas redes atingem grandes proporções, podendo influenciar inclusive cientistas e profissionais da saúde. Mais do que obscurantismo e irracionalidade, o alinhamento dos sujeitos às ideias que circulam em seus grupos de pertença se dá num contexto de confusão informacional no qual uma suposta autoridade no assunto desmente a outra e os sujeitos buscam decidir quais informações são confiáveis, para se guiarem a partir delas. Nessa conjuntura, embora narrativas religiosas e conspiratórias sejam um fator importante, as justificações racionais - isoladas ou corroborando as narrativas mencionadas - são fortemente empregadas no ataque à verdade tanto racional quanto factual (ARENDETT, 2016). Durante a Pandemia, quem não se pegou surpreso com a posição de pessoas - de amigos e conhecidos da área da saúde ou de profissionais “racional”, por exemplo - das quais se esperava maior alinhamento às instituições com maior competência técnica no assunto?

Este trabalho se inicia com esses elementos em perspectiva e avança para compreender outro fator que contribui para o descrédito: os remédios prescritos por certas ciências para a cura dos problemas sociais geram o seu contrário, se afastam da resolução efetiva das questões que resultariam na satisfação das necessidades básicas e na diminuição do sofrimento dos seres sociais humanos. Esse fator também contribui para o fortalecimento da crença nos grupos criados por afinidades eletivas, que contestam essa falta de efetividade, especialmente quando esses grupos dão sentido, ainda que fantasioso, ao mundo. O objetivo deste trabalho é refletir sobre essas questões e explorar tais contradições.

### **A contribuição da figura do especialista para o descrédito no especialista e na ciência**

Nesses anos de Pandemia de Covid-19, vimos a difusão massiva, em grupos nas redes sociais, de opiniões e relatos de experiência de profissionais da saúde com posições contrárias à OMS e a instituições de referência que têm o papel de traçar diretrizes neste caso. Diversas associações médicas chegaram a emitir notas corroborando tais diretrizes.

Cientistas e técnicos especialistas em diversas áreas têm usado seus conhecimentos específicos para inferir sobre algo dessa área que por vezes não dominam, produzindo, por um

lado, questionamentos pertinentes em relação aos dados divulgados por comunicadores e por estudiosos e profissionais que passaram a se dedicar à Covid-19. Por outro, a exposição pública de “opiniões”, que omitem - propositalmente ou não - considerações contextuais importantes ou que desconhecem dados que ajudam a compor o cenário complexo, acaba reforçando informações inconsistentes, contribuindo para a crença em narrativas fraudulentas e para a deslegitimação dos especialistas da área. É o caso dos argumentos que circularam em 2020 apontando a necessidade de considerar o tamanho do Brasil e sua densidade populacional para uma comparação do número de casos e mortes por Covid-19 entre países, ponto considerado por qualquer pesquisador sério. Tendo o Brasil tamanho continental, um maior número de óbitos seria esperado mesmo. Assim, valores absolutos de mortes não indicariam necessariamente que a pandemia estava sendo combatida de modo indevido. Por outro lado, essa crítica pertinente não invalidava de modo algum as denúncias em relação ao excesso de mortes e à ausência de políticas públicas efetivas. Pois, em conjunto com os baixos percentuais de testagem no Brasil em comparação a outros países e com os aumentos significativos das mortes por síndrome respiratória aguda grave neste período, em relação à série histórica, esses dados apontaram a gravidade do caso brasileiro. Como exemplificado aqui, uma dificuldade do combate a informações fraudulentas é que elas inserem elementos de verdade em suas narrativas.

Os embates em torno dos dados e dos parâmetros não são novidade, McCloskey (2017, p. 16) afirma que “os números [...] são da ordem da retórica, isto é, voltados para a persuasão humana”. A mídia corporativa sempre foi questionada por grupos progressistas a esse respeito, bem como a respeito da escolha dos especialistas a serem entrevistados. Contudo, com a ampliação do número de produtores de conteúdo, a fala do e o status de especialista, não importa em quê<sup>2</sup>, estão sendo usados como fatores de confusão. O confronto entre especialista em algo e especialista na área específica em questão<sup>3</sup> gera desconfiança em relação aos dados e à fala do especialista na área. A questão dos grupos de pertença dos indivíduos torna-se central, especialmente com a sociedade mais polarizada.

Dois momentos específicos do governo Bolsonaro são elucidativos do ponto levantado acima. Em meados de 2019, o desmatamento na Amazônia brasileira se intensificou na esteira dos ataques do governo Bolsonaro aos órgãos de monitoramento e fiscalização das queimadas (SOARES, 2020). Uma apresentação de Evaristo de Miranda (2019) falando a favor da exploração predatória da Amazônia circulou e foi usada como justificção de uma posição antiambientalista

---

<sup>2</sup> Aqui o termo especialista se afasta do conceito usado na nota anterior e é reduzido a um título atribuído. Um médico, quando fala ao público enquanto médico, faz uso desse lugar de conhecedor de questões relacionadas a saúde, doença, prevenção e tratamento, ainda que esteja produzindo conteúdo sobre algo pertencente a uma área de conhecimento que não domina.

<sup>3</sup> O termo “especialista em algo” se refere a casos nos quais quem fala não é “especialista na área” da qual fala.

desavergonhada dentro da massa bolsonarista. Chefe da Embrapa territorial em Campinas e especialista em agricultura, Miranda analisou o quanto os agricultores deixavam de lucrar com a baixa exploração do território brasileiro. Miranda apresentou suas cifras: cerca de 30% do território nacional é área de proteção ambiental, esse número sobe para cerca de 66% se acrescidas as áreas de preservação e terras devolutas, enquanto menos de 8% são áreas de agricultura. Comparou esses dados com os de outros países onde há cerca de 10% de proteção. Afirmou que o investimento estrangeiro em ONGs brasileiras na proteção da Amazônia envolve interesses econômicos, em especial estadunidenses (*Farms here, Forest there*), no sentido de impedir a expansão e a competitividade da agricultura brasileira. Sustentou que as políticas de reparação a quilombolas e indígenas atravancam o desenvolvimento e que o agricultor só pode cultivar em média metade de suas terras, por questões legais, embora, paradoxalmente, use o argumento de que produtores rurais são responsáveis por 25% do território preservado, omitindo as diferenças entre agricultura familiar e o agronegócio nessa análise. Por fim, Miranda estimou uma perda de mais de 3 trilhões com a preservação. Por outro lado, Antonio Donato Nobre (2014), pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, mostra um quadro mais complexo que a estreita lógica mercadológica seguida por Miranda, Nobre (2014) afirmou que a Amazônia produz “rios aéreos” que evitam a desertificação da porção meridional da América do Sul. Assim, sua destruição desencadeia um processo de desertificação que prejudicará inclusive a agricultura, dentre outras graves consequências do desmatamento para o planeta, para o ecossistema e para as sociedades humanas. No primeiro caso, a expertise individual é extrapolada para outras áreas de forma intrusiva e danosa e desconsidera outros fatores essenciais, como os trazidos por Nobre (2014), que complexificam o caso e vão de encontro à análise realizada. O vídeo de Miranda foi usado por grupos bolsonaristas para defender o Presidente Jair Messias Bolsonaro, que estava sendo acusado de conivência com e incentivo ao desmatamento.

Para Max Weber (1993), a divisão das áreas do conhecimento em especialidades permite um aprofundamento do conhecimento em cada área que não seria possível de outro jeito. Weber considera importante a influência de um campo em especialidades vizinhas. Tal movimento, diz Weber, possibilita perguntas que tal campo, restrito em si mesmo, não formularia. Por outro lado, destaca que, com a especialização, a visão do todo se perde. Nesse sentido, Weber conclui que a intelectualização e a racionalização não equivalem a um conhecimento geral crescente, o que pôde ser observado no exemplo acima.

Foucault (1986), compreendendo que discursos não se reduzem a um conjunto de signos que remetem a certos conteúdos e representações, considera não fazer sentido a busca pela intenção oculta no discurso, direcionando à exploração das relações históricas e das práticas

concretas que vivem nos e pelos discursos. Em Foucault (1986), a formação discursiva é entendida como um feixe de relações que funcionam como regra de uma prática discursiva dentro de um espaço discursivo e de um campo discursivo, estando sempre em relação como campos de saber determinados, não sendo a mera expressão de ideias. Esse feixe prescreve a forma de se referir a determinado objeto, a enunciação a ser empregada, os conceitos a serem utilizados para a organização de tal ou qual estratégia (FISHER, 2001; FOUCAULT, 1986). A prática discursiva tem regras próprias. As práticas concretas estão “amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam” (FISHER, 2001, p. 200). Nobre, como cientista e ecologista, tem posição oposta à de Miranda, embora também fale de um lugar de autoridade, de cientista especialista em Amazônia.

O debate realizado na CNN (2020) entre a pesquisadora e microbiologista Natália Pasternak (USP), o reumatologista Ricardo Azêdo (UFRJ) e o cardiologista Dante Senra (USP) é o segundo exemplo ao qual recorro. Esse debate se deu em contexto pandêmico e em meio à circulação nas redes de falas favoráveis e contrárias ao uso da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19. Os três profissionais eram favoráveis ao isolamento social e contrários ao uso “político” da hidroxicloroquina pelo governo federal, divergiram, no entanto, quanto a sua indicação no tratamento da Covid-19. Pasternak contraindicou a utilização em qualquer fase do tratamento e os médicos foram favoráveis ao uso na fase inicial da doença. Senra relatou que o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Anvisa liberaram o uso do medicamento na Covid-19, embora tenha omitido que a decisão foi pressionada pelo governo federal e que o CFM afirmou que tal liberação buscou evitar a polarização política em torno da droga e reafirmou a ausência de comprovação científica e a não recomendação do uso (SILVEIRA, 2020), em alinhamento com outras instituições de referência que àquela altura já concluíam a ausência de evidência científica da eficácia desse uso. Na primeira rodada, os três citaram trabalhos científicos para defender suas posições, mas, na segunda parte do debate, Pasternak se prendeu aos detalhes dos estudos e à fisiologia, refutando ponto a ponto as afirmações dos colegas. A partir de então, os médicos passaram a se basear em sua clínica para a defesa do uso e praticamente abandonaram o discurso científico. Azêdo relatou sua experiência com a droga na reumatologia, sem grandes complicações, e enfatizou, corretamente, a demora da ciência em produzir consensos e as suas limitações metodológicas. Senra também passou a apoiar-se em relatos da prática clínica. A ciência, no entanto, só afirma haver efeitos positivos quando os resultados favoráveis são estatisticamente diferentes do placebo ou, nos casos em que deve haver intervenção, dos melhores tratamentos disponíveis no momento. Marcelo Gomes, pesquisador da Fiocruz que coordena alguns estudos sobre a Covid-19 no Brasil, pontuou que testes clínicos controlados servem justamente para diferenciar o que faz efeito positivo do que simplesmente não atrapalha.

Foucault compreende que a formação discursiva não deve ser entendida como sistema fechado, mas como “princípio de dispersão e de repartição dos enunciados (FOUCAULT, 1986, p. 124), “segundo o qual se “sabe” o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo. Ela funciona como uma “matriz de sentido” e os falantes nela se reconheceriam, porque as significações ali lhes parecem óbvias, “naturais” (FISHER, 2001, p. 204). Os debatedores recorrem aos artigos científicos em primeiro lugar. Posteriormente, os médicos não refutam a análise crítica dos artigos citados feita pela pesquisadora e recorrem à legitimidade de seus campos de atuação profissional para sustentar seu ponto em defesa do uso da hidroxicloroquina. Esse segundo exemplo, circunscrito no interior da área da saúde, ressalta ainda os dois aspectos apontados anteriormente: a importância das vivências pessoais na construção do saber e a interferência de uma área do conhecimento em outra.

Esse tipo de embate não é novidade, por esse motivo usei como exemplos iniciais falas públicas e debate público com profissionais renomados em suas respectivas áreas de atuação. Contudo, o advento das redes sociais<sup>4</sup> não só quebra o monopólio do poder de selecionar aqueles que podem falar ao grande público do lugar de “especialista” como também leva os embates a outro patamar. Se a extrapolação dos especialistas para além dos limites do seu saber tem contribuído para dar ares de neutralidade técnico-racional ao uso político dessas falas, como nos exemplos trazidos, a ampliação do número de pessoas - competentes ou não - que podem gerar conteúdo nas redes para um público considerável usando o lugar de autoridade que o diploma, a popularidade, a instituição ou o veículo lhes confere complexifica a questão.<sup>5</sup>

Esses fenômenos nos remetem ao estudo de Kruger e Dunning (2020), que ao avaliar a performance de estudantes em testes de humor, gramática e lógica, observaram que os sujeitos mais e os menos capazes têm percepções falsas sobre o seu saber. Aqueles com mais conhecimento tendem a subestimá-lo; enquanto aqueles com conhecimento mais limitado superestimam suas capacidades e se mostram mais autoconfiantes, especialmente nas questões mais fáceis. Para as difíceis, tanto as pessoas competentes, quanto as incompetentes se julgam pouco competentes.

---

<sup>4</sup> A própria Internet, anteriormente, abriu a possibilidade de pensar “o conhecimento” - a partir do acesso à informação - e a relação com ele de outras formas, o que também mudou a relação com a figura do profissional e do especialista. A ideologia neoliberal, que incorporou a ideia enunciando a necessidade de capacitação do indivíduo por conta própria para que consiga inserção no mercado, culmina em 2023 na tramitação na Câmara dos Deputados do PL 3081/22, que pretende desregulamentar algumas dezenas de profissões, dentre elas as de psicólogo, engenheiro, economista, sociólogo, justificando que as barreiras de entrada impostas ao exercício profissional não garantem a qualidade dos serviços prestados e que profissionais qualificados estão desempregados por não atenderem aos critérios formais.

<sup>5</sup> Bruno Torturra, em seu canal Estúdio Fluxo, tem desenvolvido uma análise interessante na sua área de atuação, o jornalismo, sobre o deslocamento da figura do jornalista investigativo - que se torna uma espécie de especialista no caso que investiga - para a figura do profissional comentarista, o que barateia os custos piorando a qualidade do jornalismo praticado e contribuindo para a legitimação de falas equivocadas e de pessoas incompetentes.



O efeito Dunning-Kruger constata que a falta de conhecimento dos indivíduos denominados pelos autores de incompetentes leva a conclusões erradas em questões consideradas fáceis no estudo e à incapacidade de reconhecer a competência no outro quando em contato com ela (KRUGER; DUNNING, 2009; STAUB; KAYNAK, 2014). Ser incompetente e não saber resulta na superestimação da própria competência. Assim, julgar-se competente sendo incompetente é julgamento adequado (*unbiased*) baseado em informação parcial/enviesada - *biased* (KRAJC; ORTMANN, 2008). A calibração da competência melhora com a experiência repetida da situação.

Foucault compreende os sujeitos como lugar de verdade e considera que a verdade do sujeito carrega um vazio para outros fatos que ele nem imagina (FISHER, 2001, p. 200). O efeito Dunning-Kruger e a análise de Krajc e Ortmann são coerentes com a linha adotada neste artigo, que considera central a questão da desinformação nos grupos. Os indivíduos bombardeados por informações falsas ou insuficientes para a análise podem se sentir cada vez mais competentes para debater os assuntos, ainda que com base em informações parciais/incompletas ou enviesadas. A falta de ferramentas para análise crítica das informações recebidas leva a conclusões erradas e à incapacidade de reconhecer a competência no outro. As bolhas informacionais aumentam as certezas dos sujeitos em seu conhecimento enviesado. A agressão a profissionais e serviços de saúde (SAMPAIO, 2020; FÓRUM, 2020) pode ter relação com esse fenômeno. Por outro lado, as imagens potentes dos corpos imponentes dos profissionais de saúde reagindo às caravanas de 2020 contra o isolamento nos EUA são simbólicas, expressam o saber da gravidade do momento a partir da vivência concreta inquestionável do aumento de internações e mortes em decorrência da Covid-19 nos hospitais naquele ano (CAMPOS, 2020).

A próxima seção tratará da questão da confiança nos grupos de pertença em meio à confusão informacional e do papel da ciência nessa lógica anti-iluminista com espírito racional, cujas contradições afastam a ciência e os especialistas do pensamento crítico.

## **Circulação de informações nos grupos e o descrédito na ciência**

A sociedade contemporânea é complexa, os atores sociais transitam entre diferentes grupos sociais: religiosos, de trabalho, políticos, escola, clube etc. As experiências vividas nos grupos de pertença são fontes de saber e de reafirmação de saberes aos quais os sujeitos recorrem para avaliar as informações circulantes na sociedade. Tais espaços sociais e experiências influenciam suas análises dos eventos e suas práticas.

Os grupos de pertença podem se contrapor a determinados “sistemas peritos” (1991), influenciando as representações sociais e as decisões dos indivíduos (AZAMBUJA; GARRAFA,

2010). Freud (2011) coloca a igreja e o exército como instituições da ordem que organizam massas psicológicas, em torno da figura do líder, capazes de ações tidas como irracionais a partir de suas crenças. Embora Veena Das (2020, p. 182-3), analisando conflitos na Índia na segunda metade do século XX, ressalte ser um “grave erro presumir homogeneidade de opinião”, a pesquisadora observa que “atos de totalização parecem ser uma característica normal dos tempos de violência coletiva” (DAS, 2020, p. 165). Apesar dessas instituições não serem homogêneas, no Brasil elas estão na base de sustentação do bolsonarismo e estão envolvidas com tais atos de totalização.

O uso político dos sistemas peritos (GIDDENS, 1991) é recurso antigo e rotineiramente empregado pelos veículos de comunicação de massa tradicionais para manter as relações de dominação na sociedade. Foucault compreende que as práticas concretas dos sujeitos em cada espaço estão “amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam” (FISHER, 2001, p. 200). Sendo assim, há “discursos que não podem ser assinados por todos igualmente”, há também “uma espécie de lei de “propriedade dos discursos” na qual apenas alguns podem falar com autoridade sobre determinado assunto (FISHER, 2001, p. 209).

Todavia, a divisão do poder comunicacional com o advento das redes sociais criou novas possibilidades. Por um lado, a comunicação todos-todos em rede é um meio potencialmente capaz ampliar a voz dos grupos subalternizados e invisibilizados e fazer aparecer o pensamento crítico que coloca luz sobre as narrativas hegemônicas que sustentam as relações de poder na sociedade, permitindo enunciar o que é socialmente silenciado, o que é tabu. “O que é dissonante é também produtivo, o que semeia dúvida é também produtividade crítica” (FISHER, 2001, p. 210). Por outro, novas técnicas de poder (HAN, 2018) se configuram nas redes sociais através da manipulação dos afetos - manipulação que já ocorria antes - de forma nova, customizada para cada sujeito a partir do processamento de seus próprios rastros nas redes (HAN, 2018; ZUBOFF, 2018). Soma-se a isso o entendimento de que a internet não cria uma aldeia global, pois os algoritmos buscam maximizar as interações dos indivíduos nas redes. Assim, tendem a reforçar as afinidades e afastar o contraditório, criando bolhas informacionais que funcionam como câmaras de eco (WILKE, 2020). Como consequência, é possível que grupos distintos e polarizados olhem para mesma realidade a descrevam de modos completamente diferentes e incompatíveis entre si.

Veena Das (2020, p. 165), antes do advento das redes sociais, já havia observado que o rumor em determinados contextos pode “desempenhar uma função crítica, enquanto em outros momentos pode criar condições letais para a circulação do ódio”. Os rumores potencializam seu alcance quando disseminados em massa nas redes sociais. Emerge o que Byung-Chul Han (2018) denomina psicopolítica. As novas técnicas de poder agem a nível pré-reflexivo, inconsciente, induzindo afetos e direcionando desejos e ações nas esferas pública e privada a partir das próprias

crenças, preferências e reações dos sujeitos (HAN, 2018) e do reforço das narrativas, às quais o sujeito é pré-disposto, pelos pares nas bolhas informacionais.

Foucault compreende o enunciado como um acontecimento, pertencente a uma formação discursiva, que irrompe num certo tempo e num certo lugar, fazendo “conteúdos concretos, no tempo e no espaço”, existirem, aparecerem. Os enunciados são, “sempre, diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais” (FISHER, 2001, p. 202). Assim, atos de fala se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de certo regime de verdade. As coisas ditas são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo e de certo lugar (FISHER, 2001, p. 204).

Para Veena Das (2020), os rumores têm o potencial de nos fazer experimentar eventos. Assim, mesmo que na experiência da vida pessoal os indivíduos não se deparem com o perigo nas relações com o “outro”, os rumores podem desencadear ações coletivas contra esse “inimigo” ao construir imagens de si (como vítimas) e do outro (perigoso). Nesse processo, eventos do passado seletivamente resgatados e ressignificados no hoje criam expectativas e medos no presente em relação ao futuro e produzem momentos de pânico e violência nos encontros com o outro. Em tempos de violência fomentada, a crítica que vem do “outro” é silenciada. Veena Das (2020, p. 171) afirma não haver “demasiada estabilidade às representações do Estado e da comunidade na consciência popular”.

A ideia do inimigo interno pode levar à categorização de pessoas conhecidas e desconhecidas, opondo sujeitos em mesma condição social que veem no outro alguém não confiável a priori, o que resulta em fechamento da escuta, numa resistência corporal ao que vem do outro. Nas bolhas das redes sociais, os sujeitos reforçam suas certezas e a confiança em seu saber quanto mais argumentos, confirmações e justificações recebem. Isso independe da verdade estar presente ou ausente, pois a razão é usada. Reduzir esse fenômeno a termos como “obscurantismo” e “irracionalidade” desconsidera que este movimento anti-iluminista se sustenta com aparência de racionalidade, usa a figura do especialista e a crença nessa figura para falsear verdades factuais e desacreditar “sistemas peritos”.

Hannah Arendt (2016) distingue verdade racional e verdade factual. Em relação à verdade racional, Arendt afirma que “O contrário de uma asserção racional verdadeira é ou erro e ignorância, como nas Ciências, ou ilusão e opinião, como na Filosofia”. Com base em informações equivocadas ou insuficientes e partindo de premissas incorretas, pode-se chegar racionalmente a conclusões falsas. A respeito da verdade factual, opiniões diferentes podem respeitar a verdade factual. Wilke (2020) considera que o contrário da verdade factual não é um erro, uma ilusão, ou uma opinião; é uma falsidade deliberada, uma informação fraudulenta, uma mentira que tem

intenção de ludibriar. A autora diz que “[...] o pano de fundo das fakenews é a quebra do valor associado à verdade factual” (WILKE, 2020, p. 14). E isso representa tanto um ataque ao conhecimento produzido, quanto à democracia. É um ataque deliberado e intencional à verdade racional e factual.

No Brasil, grupos bolsonaristas atuam na produção e circulação massiva de informações fraudulentas, disseminando rumores misturados a um ou outro dado concreto para validar suas narrativas, fazendo circular o medo, a desconfiança e a insegurança e buscando, assim, mobilizar sua massa de seguidores a agir na esfera pública contra alvos específicos e na direção desejada. Temas e narrativas são impulsionados através de disparos maciços até que “alcancem os usuários que irão, por sua vez, disseminá-las porque acreditam nelas [...] (verdadeiras, falsas ou fraudulentas)” (WILKE, 2020, p. 18). As informações e justificações fraudulentas produzidas e disseminadas massivamente circulam nos diversos grupos em rede afetando os sujeitos.

É razoável que na falta de elementos suficientes para a análise crítica das informações contraditórias que circulam, as posições do grupo de pertença e de pessoas de confiança tenham grande influência sobre o julgamento dos indivíduos, ainda mais em bolhas informacionais, onde algumas narrativas são reiteradas e outras não aparecem. O grupo de trabalho, “racional e técnico”, tende a ser mais criterioso, “cada formulação discursiva entra simultaneamente em diversos campos de relações, e em cada lugar a posição que ocupa é diferente, dependendo do jogo de poderes em questão (FISHER, 2001, p. 211). Nesse sentido, os casos nos quais pessoas usam deliberadamente sua posição de especialista para propagar intencionalmente informações que sabem ser falsas não está no radar deste artigo que preocupa-se, por outro lado, com a existência de profissionais afetados pelas *fakenews* que, dado o lugar de onde falam, contribuem para legitimar narrativas fraudulentas por acreditarem nelas, dando a falsas proposições seu “caráter racional” na esfera pública em geral e contribuindo para afetar seu campo profissional. Tais profissionais irão, por exemplo, tentar guiar suas práticas pelo que julgam ser mais adequado considerando as narrativas múltiplas. O veto ou permissão a essa prática depende do corpo técnico do ambiente de trabalho. As trocas no ambiente físico, se reforçam o que circula no ambiente virtual, geram movimentos anticiência também nos locais de trabalho.

Na Pandemia de Covid-19, por exemplo, profissionais da saúde ao redor do mundo se recusaram a tomar vacina, ainda que correndo o risco de perderem seus empregos (SANTOS, 2021; BBC MUNDO, 2021). Nas justificações, as pessoas questionam a segurança das vacinas devido ao processo acelerado de desenvolvimento e testagem das que usam novas tecnologias e isso vem misturado com teorias conspiratórias. No caso brasileiro, a vacina com tecnologia mais tradicional e conhecida também foi recusada por profissionais da saúde (SABÓIA, 2021). Paradoxalmente, os

grupos bolsonaristas que contestam a segurança vacinal, perseguiram e levaram ao exílio a pesquisadora da USP Larissa Mies Bombardi por divulgar os resultados de seus estudos revelando os riscos dos agrotóxicos à saúde, em especial à saúde de brasileiros (JORNAL DA USP, 2019; CUT, 2021). Essa contradição expõe a questão da indução de afetos opostos e de ações seletivas contrárias na esfera pública em relação ao mesmo tema - biossegurança.

Nessa profunda crise de credibilidade nos sistemas peritos, que parte do uso da figura do especialista e gera desconfiança em meio a informações conflitantes, os sujeitos buscam no que acreditar. Dada a circulação de afetos como o medo, o ódio e a insegurança, seu grupo se torna sua referência mais forte, seu porto seguro.

Na próxima seção buscarei pensar em como o descrédito da ciência e dos especialistas está sendo construído com base nas próprias contradições da formação e atuação tecnoprodutivista cada vez mais voltada aos interesses de mercado. Essa análise não se dá na direção de negar a ciência e a importância do saber técnico e científico, mas de compreender, para além da questão do uso da figura do especialista que guiou a reflexão até então, que a lógica tecnoprodutivista e o contexto no qual esses saberes são produzidos geraram não só o crédito, mas também o seu contrário, o descrédito na ciência.

### **Capital ou resolução dos problemas sociais: a ciência não pode servir a dois senhores**

“A ordem social emergente da modernidade é capitalista tanto em seu sistema econômico como em suas outras instituições” (GIDDENS, 1991, p. 16). As indústrias cultural e publicitária e a mídia corporativa servem ao sistema capitalista, propagam a narrativa dominante, fabricam desejos de consumo, modos de comportamento, justificam racionalmente medidas que resultam no sofrimento social e reproduzem as relações de poder. A educação no sistema capitalista visa à formação instrumental voltada para o mercado. A hierarquia entre os saberes também é produzida na escolarização, onde história e geografia têm menos tempos de aula que matemática, português e ciências; sociologia e filosofia, conhecimentos que favorecem o pensamento crítico, são introduzidas apenas no ensino médio e, em governos reacionários, a agenda de desobrigação com tais disciplinas negligenciadas avança, como no caso da contrarreforma do Ensino Médio (NEM), que, adicionalmente, reforça a ideia do sujeito como o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso através da inserção de “inovações” como “projetos de vida” e “empreendedorismo”.

A ciência também é um dos braços desse sistema. É preciso contextualizar tal afirmação no sentido de afirmar seu afastamento em relação ao movimento anticiência e, ao mesmo tempo, reforçar a compreensão da necessidade de uma ciência outra, que integre os conhecimentos

negligenciados ou propositalmente invisibilizados e que se afaste dos interesses do mercado, indo ao encontro dos interesses sociais. A ciência, filha do iluminismo, surge enunciando os propósitos de buscar uma explicação racional para os fenômenos do mundo e de resolver os problemas humanos. Porém, gesta o seu contrário ao servir a outro fim: o da dominação, sendo subserviente aos interesses da classe dominante. O crédito e a legitimidade da mídia, da ciência, dos especialistas etc. foram socialmente construídos, mas as contradições são percebidas e alimentam o seu descrédito.

O cientista, assim como o técnico especialista, é construído como alguém racional, técnico, neutro. Entretanto, ele é influenciado por suas crenças de diversas ordens. Suas representações sociais são construídas durante sua trajetória de vida e influenciadas pelo tipo de formação profissional que teve e pelo ambiente de trabalho. O especialista, por mais que se pretenda, não é neutro e o modo como seu pensamento opera influencia a escolha do objeto de estudo, a justificativa, a hipótese, a escolha das variáveis e a interpretação dos dados, podendo resultar na justificação e no reforço de relações de dominação. Adicionalmente, a burocracia e necessidade de fomento restringem seu horizonte para pensar e agir.

Stephen Jay Gould (2014) exemplifica tal fato considerando estudiosos cautelosos. Dentre outros exemplos, Gould cita o do pesquisador poligenista do século XIX, Samuel George Morton, que estudou, através da craniometria, a capacidade cognitiva de diferentes “raças humanas”, quando esse paradigma era aventado. Embora existissem “falsificações e acomodações”, não havia provas de “fraude deliberada” no trabalho de Morton (GOULD, 2014, p. 43). A seriedade dos estudos de Morton se expressava na transparência com que expôs seus dados brutos, dados que permitiram a Gould (2014) reavaliar seus achados e observar viés em seus estudos.

Morton havia estudado o volume craniano com dois métodos diferentes em épocas distintas, um mais acurado que o outro. Gould (2014), comparando os resultados entre os métodos observou que os erros foram maiores para as consideradas “raças inferiores”. Este considera ter havido maior cuidado metodológico, possivelmente não intencional, com os crânios de sujeitos caucasianos, fazendo caber maior quantidade de substância nesses. O viés também se realizou na não separação dos crânios por sexo, resultando em maior quantidade de crânios de caucasianos masculinos, enquanto em outras “raças”, predominaram as amostras femininas. Ainda, crânios de tribos sul-americanas distintas, uma de baixa e outra de alta estatura, foram agrupados. Sendo maior a amostra das tribos de pequeno porte, a média do volume craniano de ameríndios ficou baixa. A média da tribo mais alta ultrapassava a caucasiana, ressalta Gould (2014). Morton também excluiu alguns crânios caucasianos pequenos das análises. Mas, julgava esses procedimentos metodológicos válidos, tanto que os expôs publicamente. O viés do observador levou ao interpretativo e Morton

“comprovou” sua hipótese original: a superioridade caucasiana. Gould (2014), reavaliando os dados de forma mais criteriosa mostrou não haver diferença estatística significativa entre os grupos. Ou seja, as “evidências empíricas” do determinismo biológico foram induzidas por crenças sociais prévias, no caso, pelo racismo.

Moss-Racusin *et. al.* (2012) dizem que pesquisadores são treinados para serem objetivos e aqueles que se julgam mais objetivos e justos são os mais propensos a ações baseadas em preconceitos. Ou seja, quanto menos o sujeito se vê influenciado por suas crenças e acredita na sua neutralidade, mais elas podem interferir em seus atos. Os autores distribuíram um único currículo a 127 pesquisadores que deveriam avaliar competência, perfil para tutoria e elegibilidade e atribuir um salário ao/à candidato(a). Metade dos pesquisadores recebeu o currículo de uma candidata e metade de um candidato. Todos os parâmetros foram pior avaliados e um salário menor foi proposto quando o currículo tinha registrado o gênero feminino, independentemente do pesquisador avaliador ser homem ou mulher.

Estudos cego e duplo-cego buscam evitar que vieses dessa natureza influenciem o resultado. A sociedade se movimenta a partir de suas contradições. Para Foucault (1986), os sujeitos são constituídos simbolicamente por uma rede de poderes e saberes e por práticas reais, são efeito de discursos produzidos nas relações sociais, econômicas, com as instituições etc. Uma prática discursiva “toma corpo em técnicas e efeitos” (FOUCAULT, 1986, p. 220), modificando as práticas e as relações sociais, marcando os corpos. Há uma tecnologia de produção do sujeito que se serve dele, por um lado, e desestabiliza os sistemas simbólicos, por outro, pois o desejo, o conflito e a luta nascem nesse processo; “[...] considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso” (FISHER, 2001, p. 212).

A ciência médica que sustentou as dominações de gênero e raça e patologizou os corpos desviantes da norma que ela mesma estabeleceu, hoje compreende ter errado, embora ainda persistam questões importantes a serem superadas. Equívocos graves em várias áreas são corrigidos a partir da exploração das contradições e erros, inclusive metodológicos. Contudo, a lógica racional-procedimental-economicista vigente, ao contrário, é blindada das contestações, ainda que suas contradições saltem aos olhos. Nesse caso, as vozes que a denunciam são desacreditadas e silenciadas. O que dizer da ciência que opera em consonância com o sistema capitalista?

Num sistema socioeconômico que se serve da ciência para a dominação, as ciências voltadas aos interesses do mercado têm sua importância ressaltada, enquanto aquelas que buscam compreender as dinâmicas sociais e que estão apartadas dos interesses mercadológicos têm sua relevância diminuída, havendo uma hierarquização das ciências. Mesmo dentre as ciências

econômicas, farmacêuticas e biomédicas, somente aquelas coerentes com os interesses empresariais têm suas vozes ampliadas, de modo que os especialistas de correntes mais críticas ao sistema, em geral, são mantidos a uma distância segura. De outro lado, as ciências sociais, dentre outros saberes que contribuem para o pensamento crítico da sociedade sobre si mesma, são propositalmente desconsideradas. Na mídia corporativa, o conhecimento amplo acumulado pelas ciências sociais é pouco difundido. São as ciências econômicas e médicas que habitualmente apresentam e explicam a realidade e o sofrimento social para a coletividade.

A ideia de Estado mínimo, por exemplo, defendida por certos cientistas econômicos, especialistas e comunicadores, está relacionada à redução do papel do Estado na garantia de direitos sociais, na regulação das relações de trabalho e no oferecimento de serviços públicos. Tal lógica impacta as redes de solidariedade espontâneas ao ampliar a precarização forçando os indivíduos a ocuparem mais e mais do seu tempo na busca por meios que garantam sua sobrevivência. O Estado, por outro lado, se torna máximo no controle policial do caos social que daí decorre. Os especialistas do sistema têm como função direcionar o descontentamento. O sofrimento é explicado por crises econômicas, sanitárias e políticas, porém a raiz de suas causas é ocultada e desviada. Assim, o sofrimento dos sujeitos é relacionado à falta de autocuidado e de previdência e ao erro a nível individual ou à inépcia da maioria, tanto nas decisões cotidianas quanto na escolha das representações políticas. Se por um lado, essa narrativa centrada no erro individual oculta e dificulta o conhecimento do sistema socioeconômico, por outro, as contradições se apresentam com mais força quanto mais o social é abandonado.

Se outrora a promessa foi a de que a evolução tecnológica liberaria o humano para o lazer, para as relações e para o descanso, hoje não se fala mais nisso (BERARDI, 2019). O neoliberalismo revoga as promessas de solução dos problemas sociais e os neoliberais já enunciam sem constrangimento a inexistência de lugar para todos. O imperativo é ocupar o tempo livre para ter chance no mercado, escravizar-se a si mesmo sem garantias. Produzir cada vez mais e incentivar o consumo para o bolo crescer e mais gente ter chance - tal proposição típica do modo de produção capitalista é uma ameaça à vida no planeta. Remédios amargos não têm funcionado e a distância entre o que é dito e o que se apresenta salta aos olhos, o mundo fica sem sentido. Os sofrimentos e problemas sociais persistem por mais que as pessoas aceitem as políticas de austeridade receitadas por um certo tipo de ciência econômica e tomem os medicamentos prescritos por um certo tipo de ciências médicas e farmacêuticas. Agravando o quadro, nas mãos das empresas privadas, as instituições científicas têm cada vez mais dificuldades em atender aos interesses sociais.

A agenda de substituição do financiamento estatal de projetos científicos pelo financiamento privado intensifica o direcionamento à ciência pautada pelos interesses



mercadológicos. Várias questões de importância social não são lucrativas, como o desenvolvimento de medicamentos de baixo custo, as doenças negligenciadas - que atingem as populações mais pobres -, a relação entre doenças e agrotóxicos e, mais amplamente, entre o modo de produção capitalista e o sofrimento humano. Em abril de 2020, quando não havia vacina contra a Covid-19, cientistas apontaram que o tempo para o desenvolvimento dessa poderia ser muito menor se as pesquisas iniciadas nas crises sanitárias anteriores, como a de 2002, causadas por outros coronavírus, não tivessem sido interrompidas por falta de interesse econômico e, conseqüentemente, de financiamento (NAVAS, 2020). Ironicamente, o curto tempo entre testagem e comercialização e os interesses mercadológicos estão justamente na base dos argumentos racionais dos movimentos negacionistas da pandemia e antivacina, que colocam em dúvida a sua segurança.

Vive-se um permanente e sustentado estado de incertezas e angústias, de insegurança e ansiedade, de exaustão física e mental. O endividamento das famílias, a perda de condições de pagar as dívidas, o medo do desemprego, a insegurança das relações informais e precárias de trabalho, o excesso de trabalho, a ausência de prazer no trabalho e na vida, a dependência de parentes para o cuidado com os filhos e para o pagamento de contas (aluguel, escola, plano de saúde, prestações etc.) são sintomas de uma lógica socioeconômica perversa que se expressa também nas relações sociais superficiais e violentas. Muitos dos adultos que dependem do auxílio das gerações anteriores no pagamento de suas contas defenderam a retirada de direitos previdenciários com base nas análises de especialistas que indicaram tal necessidade. Se aposentarem, se conseguirem, em piores condições e não conseguirão dar a seus descendentes - que poderão estar em condições ainda mais precárias que as suas - o auxílio que receberam de seus pais e avós. Apenas uma ínfima parcela da sociedade tem sucesso nessas bases do que Berardi (2005) denomina de fábrica de infelicidade.

Quanto maior a precarização, mais difícil é analisar as múltiplas informações, tão mais acessíveis com a internet. Se por um lado o mundo se torna mais acelerado, diminuindo o tempo de atenção e a tolerância à demora, paradoxalmente, as informações conflitantes, baseadas em parâmetros diferentes ou notícias falsas exigem maior esforço cognitivo para uma análise apropriada. A educação de massa utilitarista e precária, o estresse do dia a dia, a sobrecarga de tarefas e os distrativos digitais deixam pouco tempo para o descanso corporal, o ócio, o lazer, e pouca disposição para a leitura e análise aprofundada dos materiais e dados que chegam aos sujeitos. Assim, informações mais rápidas, como as manchetes e as análises e argumentos prontos (ANSPACH; JENNINGS; ARCENEUX, 2019) são mais palatáveis.

O mundo é estudado e explicado à massa especialmente por especialistas do *mainstream*, classe pensada como capaz de analisar, executar, tomar decisões e administrar os interesses comuns

(CHOMSKY, 2013), direcionando o foco para a medicalização do sofrimento, para o punitivismo na segurança pública e para o estado mínimo. As hegemônicas ciências econômicas e farmacêuticas, o sistema de segurança pública punitivista e a mídia empresarial se associam na produção e controle do sofrimento social. A análise crítica das raízes do sofrimento não pode ser realizada, é mantida a uma distância segura. Dentro e fora das redes sociais, os sistemas peritos econômicos mantêm sua alta credibilidade com a população, embora a lógica mercadológica esteja na base de todo o ataque à saúde pública, fomentado por negacionistas da pandemia, como buscamos destacar. Se, no geral, as crenças pessoais ajudam os indivíduos a preencherem o furo no real, dando sentido ao que não consegue ser explicado pelo “esclarecimento” dos especialistas, nas redes sociais, a explicação encantada é explorada e ganha grandes proporções, pois manipula os sujeitos a partir de suas próprias crenças. As retóricas pró-mercado, hegemônicas, se somam às narrativas religiosas e conspiratórias e as massas são guiadas por seus respectivos líderes, políticos ou religiosos. Esse encantamento somado à razão mercadológica é terreno fértil para o fascismo.

A partir desse cenário desolador, a próxima seção tratará do distanciamento, ao longo do tempo, entre ciência e pensamento, num movimento anti-iluminista com ar de racional, e buscará ressaltar a necessidade de pensar a vida e fazer ciência em bases outras, comuns e não mercadológicas.

### **Ciência e pensamento: a análise a partir de Adorno e Horkheimer**

A lógica de crescimento econômico que promete a felicidade para o maior número de pessoas se concretiza como lógica da morte. Vidas, humanas ou não, são submetidas à economia como coisa, a vida se sacrifica pela economia e a economia não é voltada para a vida. A lógica econômica prevalece nas discussões sobre o clima. A Amazônia e o Pantanal ardem em chamas ceifando incontáveis vidas. Não há ecossistema na lógica econômica, as inter-relações e a interdependência homem-natureza não existem. A natureza é submetida, as vidas também. Mariana e Brumadinho são soterradas. O crescimento econômico é uma via de mão única, depende do aumento da produção e do consumo, da expansão do mercado consumidor, logo, é a lógica da aceleração da destruição da natureza e de submissão dos povos. A estagnação é crise econômica que só pode ser revertida com mais sacrifícios, do trabalhador e da natureza. Na pandemia de Covid-19, como não poderia deixar de ser, essas questões se fizeram presentes. A discussão da relação entre destruição do meio ambiente e doenças infecciosas (IANNI, 2005) foi mínima, o que indica que não está no horizonte o controle de certas atividades lucrativas envolvidas com eventos dessa natureza. Adicionalmente, a submissão da vida humana foi enunciada quando o presidente brasileiro expôs a necessidade de escolher entre a saúde e a economia (JORNAL NACIONAL,

2020). Jair Bolsonaro falou de forma tão explícita que o caráter perverso dessa verdade revelada teve que ser disfarçado em pronunciamentos posteriores (RAATZ, 2020). No mesmo sentido de ignorar a relação entre destruição das matas e florestas e o surgimento de novas doenças, o seu ministro sugeriu aproveitar a “oportunidade” da Pandemia de Covid-19 para “passar a boiada” (ALESSI, 2020). O sistema perito econômico tanto é o principal quanto é blindado de críticas. Sua lógica destrutiva é vendida como receita de felicidade.

Para Adorno e Horkheimer (1985, p.44), o pensamento científico “preso à evolução cega da economia”, distancia o homem da natureza e do próprio pensamento e, por isso, o sofrimento não diminui com o crescimento dos meios para a eliminação de toda miséria.

Na medida em que cresce a capacidade de eliminar duradouramente toda a miséria, cresce também, desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência e da impotência. Nenhum indivíduo é capaz de penetrar a floresta de cliques e instituições que, dos mais altos níveis do comando da economia até as últimas gangues profissionais, zelam pela permanência ilimitada do status quo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 43).

Essa racionalidade impera, submete e abole a consciência. Essa lógica é totalitária (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). No campo profissional em geral, a lógica racional (matemática, mercadológica) permite ao gerente demitir um grupo de pessoas sem justificativa outra que não econômica. Tudo se resume a retórica da queda dos lucros e da estagnação econômica, podendo o sofrimento ser gerado sem grande constrangimento ético pelos atores sociais. A máquina dita o ritmo e ajusta o corpo e o movimento humano, como explicitou Chaplin em tempos modernos.

A consciência é também ajustada pela técnica. A indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) submete a arte à técnica e a ética na ciência e no trabalho se resumem a seguir fluxos, obedecer a hierarquias e a bater metas de produtividade ou gerar economia para as empresas.

Ao mesmo tempo em que a mídia, o marketing e a publicidade acolhem a marca da heterogeneidade e reprocessam enunciados de fontes variadas para garantir a adesão de (novos) sujeitos, persiste a centralidade da ideia de racionalidade técnica, objetiva e neutra. As instituições incorporam discursos que partem de outros campos, criam, recriam, transformam, produzem analogias, adaptam enunciados distintos em direção a um novo discurso com características próprias, tomando forma dentro de um campo específico, sofrendo um tratamento que os retira de seu habitat para responder e disputar formações discursivas em luta, ampliando e dinamizando o que já é heterogêneo (FISHER, 2001).

Assim, mesmo para criticar o paradigma científico há uma espécie de obrigação em se adotar sua linguagem (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). As pesquisas qualitativas são tidas

como ciência menor e diversas áreas incorporam a linguagem matemática e justificam economicamente seus estudos buscando escuta, também financiamento. Para resistirem e existirem, submetem-se buscando crédito, legitimidade. Adorno e Horkheimer (1985, p. 18) compreendem que “O saber que é poder não conhece barreira alguma”, o esclarecimento eliminou a “própria autoconsciência”.

Foucault (1986) compreende que o discurso tem uma história, bem como os “enunciados são sempre históricos”. Assim, qualquer enunciado sobre um objeto se relaciona com enunciados anteriores produzidos sobre este objeto (FISHER, 2001, p. 214-5). Contudo, o discurso é precário, é processo, transforma-se. O campo enunciativo acolhe novidades, imita e muda ao mesmo tempo em que permanece; nele tudo cruza estabelecendo relações e promovendo interdependências. Uma sequência discursiva contém informações já enunciadas. Entre o esquecimento e o resgate, reatualiza o passado, redefinindo, rompendo, negando e modificando os enunciados a partir do “acúmulo de uma memória, de um conjunto de já-ditos” (FISHER, 2001, p. 220).

Para Max Weber (1993), a paixão pela ciência inspira, mas a satisfação com o trabalho científico e as perguntas genuínas podem se perder em meio à burocracia, à busca por financiamento e às metas quantitativas, uma vez que a inspiração não pode ser forçada. Peter Higgs disse que não seria capaz de ter feito a descoberta do Bóson de Higgs, que lhe deu o prêmio Nobel de física em 2013, se estivesse submetido à produtividade exigida dos pesquisadores na atualidade (NEWMAN, 2020). Os objetos de estudo pautados por interesses mercadológicos e as metas numéricas afastam os pesquisadores de temas fundamentais à justiça social e ambiental, à segurança e à emancipação humana. Weber (1993) afirma que a ciência se transformou no que ele denomina uma operação de cálculo, não tendo alma, perdendo seu sentido iluminista mais nobre. Adorno e Horkheimer (1985) compreenderam que a técnica desencantada racionalizou o holocausto. Inclusive experimentos com prisioneiros foram feitos para se conhecer os limites do corpo humano e testar medicamentos e procedimentos novos. Esses exemplos se somam a outros mais próximos, como a ausência de limites da técnica desencantada nas guerras contra inimigos externos e internos que perduram no século XXI e, mais recentemente, o caso *Prevent Senior*. A empresa é denunciada dentre outras coisas por submeter pacientes, sem autorização, a estudos com drogas experimentais, por coagir médicos ao uso do “kit Covid” e ao trabalho quando infectados com o SARS-COV-2, por fraudar prontuários e resultados dos estudos e por indicar procedimentos para provocar mais rapidamente a morte de pacientes graves (JUCÁ, 2021; BALZA, 2021).

Esse esclarecimento submetido aos interesses financeiros empresariais se afasta das luzes, é aquele que se diz neutro, racional, não ideológico, o saber a ser valorado. Abraham Weintraub, quando Ministro da Educação do governo de Jair Bolsonaro, disse que não financiaria

antropólogos, sociólogos e filósofos (REZENDE, 2020). No ano anterior, já havia declarado a intenção de reduzir a verba do curso de filosofia e o presidente, em apoio ao seu discurso, propôs a expansão do corte para a área de humanas (VEJA, 2019). Em uma de suas narrativas, o governo de Jair Bolsonaro enuncia as ciências humanas como socialmente desimportantes. Contudo, seu empenho em precarizar as instituições públicas de ensino e pesquisa e em restringir o alcance desse conhecimento demonstra o contrário, que a educação que se propõe nas contrarreformas visa a salvar o sistema capitalista de suas contradições enterrando o pensamento crítico; a autoconsciência eliminada não deve ser resgatada. A reforma do ensino médio (BALDUINO, 2020; CORTI, 2019), o Movimento Escola sem Partido (FRIGOYYO, 2017; PENNA, 2017) e, mais recentemente, do Projeto Future-se (SUDRÉ, 2019a; SUDRÉ, 2019b) são exemplos dessa ofensiva. Em alinhamento com essa lógica, no setor privado, a demissão em massa de docentes rumo à educação remota (SUDRÉ, 2020) e a substituição de professores por robôs (DOMENICI, 2020) caminham *pari passu* com a agenda de formação para o mercado como único objetivo.

A fórmula de Bolsonaro não é nova. Chomsky (2013) afirma que os especialistas rotineiramente precisam criar ilusões e simplificações radicais emocionalmente poderosas, mobilizando a massa pelas emoções, em especial pelo medo da morte, do desemprego etc. Por um lado, fecham-se as portas ao pensamento crítico e há o reforço do que Adorno e Horkheimer (1985) chamam de esclarecimento. Por outro, discursos públicos, publicitários e políticos lançam a ideia de que felicidade não é apenas possível, mas obrigatória, e dão as regras e os modelos de comportamento para alcançá-la (BERARDI, 2005). Tais regras e modelos consistem na submissão à lógica mercadológica e suas técnicas “neutras” geradoras de sofrimento. Adorno e Horkheimer dizem que a “neutralidade é mais metafísica que a metafísica” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 31).

Franco Berardi (2005, p. 22) afirma que ideologia contemporânea gira em torno do paradigma da felicidade, definida como a “integração plena e sem resíduos do organismo consciente com o seu ambiente”. As necessidades mais básicas e os desejos humanos são ligados à ideia de uma mercadoria a ser consumida/adquirida. As propagandas são cheias de momentos de lazer, de interação social, de ócio e tranquilidade e de contato com a natureza, eventos que não se realizam na rotina cotidiana. O tema da felicidade é uma questão filosófica, logo, não cabe à ciência (BERARDI, 2005), pois a pretensão de tudo esclarecer só é possível se abandonadas as questões que não podem ser explicadas pelos métodos científicos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Barbosa diz que a ciência, herdeira do iluminismo, tida como uma atividade nobre e desinteressada capaz de contribuir “para o desenvolvimento moral e espiritual da nação”, ao perder seu caráter emancipatório, tornou-se “Uma prática submetida ao capital e ao Estado”, ocorrendo sua

deslegitimação tanto como dispositivo especulativo, quanto emancipatório (BARBOSA, 2009, p. ix-x).

Se, por um lado, a vida cotidiana desencantada segue seu curso, por outro, as crenças pessoais são um bálsamo que alivia o sofrimento dando a ele sentido. Nas redes, a explicação mágica e simples para os problemas sociais tem circulado gerando movimentos de massa. A partir das próprias interações dos sujeitos nas redes sociais, narrativas são criadas por empresas de tecnologia contratadas por determinados grupos políticos de extrema direita (EMPOLI, 2019). A manipulação das emoções dos sujeitos, a partir de seus próprios dados, produz medo e ódio e aponta o inimigo, direcionando sua ação na esfera pública. A associação da Pandemia ou ao juízo final ou a teorias conspiratórias anticomunistas se faz presente. Ocorre também o esvaziamento de conceitos, dando às palavras outros significados. Assim, o termo “tratamento precoce” se ancora na ideia fraudulenta de que o contrário disso é não tratar o doente. O conceito de liberdade é ressignificado para fomentar ações individuais contra a saúde pública, logo, ações que promovem a morte. Os movimentos feitos pela sociedade civil organizada e pelas instituições técnicas contra as ações autoritárias de Jair Bolsonaro são acusados de antidemocráticos. Por fim, qualquer um que conteste as informações provenientes dos grupos de pertença é visto como inimigo capaz de desvirtuar a sociedade e afastá-la da razão técnica, neutra, objetiva, matemática, mercadológica. Assim, o espírito do fascismo se alimenta dando sentido ao mundo desencantado.

### Considerações finais

A estratégia de divulgação de informações fraudulentas usa as próprias crenças na racionalidade e neutralidade técnica e na figura do especialista para desacreditar suas posições e movimentar a sociedade para extrema direita. Assim, este artigo busca abordar as contradições entre o que a ciência e os especialistas dizem e as experiências coletivas que desmentem o dito, em especial o paradoxo entre as receitas amargas de uma certa ciência *mainstream* que promete, mas não ameniza o sofrimento humano, e pensa como esse processo contribui para o movimento anticiência.

Compreendendo haver uma nova divisão do poder com o advento das redes sociais e partindo do conceito de sistemas peritos de Giddens (1991), este trabalho pensou como grupos e indivíduos, profissionais da saúde inclusive, têm lançado mão das informações nas redes, produzindo e fazendo análises circulares, exercendo poder na disputa das pautas sanitárias. Analisou também que quanto mais as narrativas são reforçadas nas bolhas informacionais, mais os sujeitos estão certos de seu saber, ainda que falso. Adicionalmente, observou que a confusão informacional intencional gera a desconfiança dos sujeitos nos sistemas peritos e sua adesão às

narrativas dos grupos de pertença no qual confiam. Como as informações conflitantes se inserem num contexto de educação utilitarista e massificada, voltada à lógica mercadológica que sustenta o sofrimento social, as contradições decorrentes dessa própria lógica, embora apresentem o potencial de gerar a sua superação, têm sido exploradas por grupos reacionários que preservam tal lógica atacando as instituições da democracia burguesa.

A contestação das premissas religiosas como guias das ações humanas levou Nietzsche a enunciar a morte de Deus. Hoje poderíamos enunciar que a ciência está morta? A ciência não deu conta de temas essenciais porque não cabiam no processo racional-procedimental. O sofrimento humano se acentua, mesmo com o avanço das condições de atendimento das necessidades sociais mais básicas. Seria o movimento anticiência uma expressão dessa contradição? Seria a aceitação de André Mendonça, ministro da fé, como ministro do STF uma indicação da compatibilidade entre lógica racional e o apagamento das luzes? A aceitação de seu nome foi celebrada com rituais religiosos.

O quadro atual mostra a importância do resgate das questões filosóficas fundamentais que a lógica mercadológica capitalista e a sociedade que a reproduz deixaram à deriva. É preciso fazer circular o conhecimento acumulado nas ciências invisibilizadas e em saberes<sup>6</sup> que guardam uma outra relação entre os humanos, dos humanos com a natureza e do humano com a busca da verdade. Contudo, Foucault (1986) destaca que o sujeito se posiciona distintamente, pois ora fala de um lugar, ora de outro e, em cada lugar há interdito e lutas. As regras de formação dos conceitos “não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos, pelo contrário, estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo”. As identidades sociais e subjetivas são dadas por esse jogo de sentidos através do qual a realidade objetiva é construída no interior da trama discursiva (FOUCAULT, 1986; FISHER, 2001, p. 200). A ideia de objetividade na ciência desconsidera esses fatores. Nesse sentido, Valle (2019), a partir de Stengers, entende que o poder do especialista “se instala independentemente da situação ecológica que o convoca”; sua palavra tende a prevalecer mesmo em fóruns de discussão aparentemente abertos, dada a premissa de autoridade. Assim, para que seja possível a produção pública e coletiva de saberes é preciso limitar esse poder para que seja possível lidar com questões e situações “que nenhuma expertise particular pode ser suficiente para definir e que exige a presença legítima, ativa, objetante, propositiva, de todos os interessados” (STENGERS, 2007, p. 54 *apud* VALLE, 2019, p. 10).

---

<sup>6</sup> David Graeber e David Wengrow (2022) não só compreendem a “crítica indígena” como a precursora do iluminismo, bem como, de modo mais radical, colocam o iluminismo como um movimento de reação à potente crítica indígena à ausência de liberdade na sociedade e nas relações dos colonizadores. Consideram inclusive que seu livro apenas avança ao se afastar das amarras do eurocentrismo e considerar as perspectivas dos pensadores indígenas, abrindo um caminho na direção da liberdade.

O movimento anticiência é fruto das contradições da própria ciência que se pratica, como sustentado ao longo desse artigo. Os trabalhos de baixa qualidade circulando nos grupos nas redes sociais e a educação instrumental e fragmentada dos sujeitos, efeitos da lógica mercadológica produtivista, são a base da atual crise de legitimidade das ciências da saúde no caso da Pandemia.

Um compilado de trechos de “O conceito de esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer (1985), sintetiza essas questões: O esclarecimento “confunde o pensamento e a matemática” e o “pensar reifica-se num processo automático e autônomo” através do “método racional”. “O esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento [...]” pois de outra forma, não seria possível “comandar a práxis”. “O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento [...]: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio denomina”. O formalismo lógico leva à “subordinação obediente da razão ao imediatamente dado”. Desdobrar as questões em seu sentido social, histórico e humano não é pretensão do conhecimento, isto foi abandonado. “O esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar”. “O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação geral, porque a própria razão se tornou adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba”. “A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão”. “O pensamento é negado pelos dominadores como mera ideologia” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33-42).

O mito da razão econômica tem rito sacrificial e aponta para a salvação por meio do suplício (políticas de austeridade, perda de direitos etc.). É também nos rituais de consumo e trabalho automatizado, precarizado e sem trocas humanas profundas e gratificantes, dominado pela técnica, que se encontra a salvação. O pensamento mítico se dá de várias formas dentro da lógica capitalista, o sacrifício da vida na pandemia também é parte desse mito e desse rito. O movimento negacionista da pandemia é um sintoma das contradições geradas pela própria dinâmica do sistema, consiste na mobilização dessas contradições em determinado sentido que preserva a lógica mercadológica e sacrificial e direciona o ódio social para um inimigo imaginário. Porém, ele joga o jogo cujas regras já vigoravam, inclusive foram usadas no último golpe que derrubou a ex-presidenta Dilma e tirou da eleição seguinte o ex-presidente Lula e permanecem em uso no pós-eleição de 2022. As estratégias lançam mão de especialistas com soluções milagrosas, da seleção de dados, depoimentos e narrativas, do apontamento dos inimigos responsáveis pelos problemas e defendem seu deus mercado acima de todos. O enunciado polemiza com outros enunciados e discursos, sendo necessário, para compreendê-lo, interrogar “o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado” e “por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação [...]”? Qual a posição do falante? (FISHER, 2001, p. 205). A busca por causas e interpretações ideológicas mostra-se,



assim, reducionista, pois desconsidera essa realidade “belicosa, atravessada por lutas em torno da imposição de sentidos (FOUCAULT, 1992 *apud* FISHER, 2001, p. 205). As palavras significam e ressignificam as coisas, agindo sobre a vida política. O discurso é elemento de poder (FOUCAULT, 1986; FISHER, 2001). Se hoje as pessoas não estão mobilizadas contra essa lógica é sinal de que estamos longe da saída. Como ressaltam Adorno e Horkheimer, é preciso pensar o pensamento.

Este texto não se alinha ao movimento anticiência. Pelo contrário, compreende a necessidade de uma outra ciência, que atenda aos interesses sociais, incompatíveis com a lógica mercadológica e com o esclarecimento ensimesmado que elimina a autoconsciência, que elimina outros saberes, que elimina o pensamento.

**Agradecimento:** Ao CNPq, ao IFRJ e à Gisele Araújo.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALESSI, Gil. Salles vê “oportunidade” com coronavírus para “passar de boiada” desregulação da proteção ao meio ambiente. *El País*, 22 mai. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>>. Acesso em 19 ago 2020.
- ANSPACH, Nicolas; JENNINGS, Jay; ARCENEUX, Kevin. A little bit of knowledge: Facebook’s News Feed and self-perceptions of knowledge. *Research & Politics*, v. 6. n. 1, 2019. p. 1-9.
- ARENDDT, Hannah. Verdade e política. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- AZAMBUJA, Letícia E. O., GARRAFA, Volnei. Testemunhas de jeová ante o uso de hemocomponentes. *Rev Assoc Med Bras*, v. 56, n. 6, 2010. p. 705-709
- BALDUINO, Maria Aparecida Canale. Programa Jovem de Futuro: uma tecnologia educacional do terceiro setor. *Interações*, v. 21, n. 2, 2020. p. 233-243
- BALZA, Guilherme. Prevent Senior ocultou mortes em estudo sobre cloroquina, indicam documentos e áudios. *G1* 16 set. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/investigada-na-cpi-da-covid-prevent-senior-ocultou-mortes-em-estudo-sobre-cloroquina-apoiado-por-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 19 ago. 2020.
- BARBOSA, Wilmar do Valle. Tempos pós-modernos. In: LOYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- BBC Mundo. Os trabalhadores de saúde dispostos a perder emprego para não se vacinar nos EUA. *BBC Mundo* 29 set 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/29/os-trabalhadores-de-saude-dispostos-a-perder-emprego-para-nao-se-vacinar-nos-eua.ghtml>>. Acesso em 19 ago. 2020.
- BERARDI, Franco. *A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy*. Petrópolis: DP&A, 2005.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 2019.

CAMPOS, Luiz Henrique. Profissionais de saúde param na frente de carros nos EUA e paralisam manifestação contrária ao isolamento social. Estado de Minas, 20 abr. 2020. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/20/interna\\_internacional,1140325/profissionais-de-saude-param-na-frente-de-carros-nos-eua-e-paralisam-m.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/20/interna_internacional,1140325/profissionais-de-saude-param-na-frente-de-carros-nos-eua-e-paralisam-m.shtml)>. Acesso em 19 ago. 2020.

CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CNN BRASIL. Médicos especialistas divergem sobre o uso de cloroquina e isolamento. *CNN Brasil*, 16 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/16/medicos-especialistas-divergem-sobre-o-uso-de-cloroquina-e-isolamento>>. Acesso em 19, agosto, 2020.

CORTI, Ana Paula. Política e significantes vazios: uma análise da reforma do ensino médio de 2017. *Educação em Revista.*, v. 35, 2019. e201060.

CUT – Central Única de Trabalhadores. Sob ameaças de morte, professora da USP parte para o exílio por pesquisar agrotóxico. CUT, 19 mar 2021. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/sob-ameacas-de-morte-professora-da-usp-parte-para-o-exilio-por-pesquisar-agrotox-5abf>>. Acesso em 19 ago. 2020.

DAS, Veena. *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Unifesp, 2020.

DOMENICI, Thiago. Após uso de robôs, Laureate agora demite professores de EAD: Mais de 90 profissionais da educação à distância foram demitidos hoje da rede que é dona da FMU e Anhembí Morumbi; há quinze dias nossa reportagem denunciou uso de robôs no lugar dos docentes. Pública, 13 mai. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/apos-uso-de-robos-laureate-agora-demite-professores-de-ead/>>. Acesso em 19 ago. 2020.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 144, 2001. p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*; tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Luciano Bezerra. SCHWARCZ, L LM, STARLING, HM. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, 2022. p. 1695-1696.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. Edição 3. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GRAEBER, David; WENGROW, David. *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora ÁYINÉ, 2018.

HOCHMAN, Gilberto; BIRN, Anne-Emanuelle. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. *Topoi*, v. 22, n. 48, 2021. p. 577-87.

IANNI, Aurea Maria Zöllner. Biodiversidade e Saúde Pública: questões para uma nova abordagem. *Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 2, 2005. p. 77-88.

JORNAL DA USP. Lançado na Europa mapa do envenenamento de alimentos no Brasil: em exposição crônica aos agrotóxicos, brasileiro corre mais risco de morte e desenvolvimento de doenças. *Jornal da USP*. 30 Ago 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-ambientais/lancado-na-europa-mapa-do-envenenamento-de-alimentos-no-brasil/>>. Acesso em 19, agosto, 2020.

JORNAL NACIONAL. Bolsonaro pede na TV 'volta à normalidade' e fim do 'confinamento em massa' e diz que meios de comunicação espalharam 'pavor'. *Globo.com*, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/bolsonaro-pede-na-tv-volta-a-normalidade-e-fim-do-confinamento-em-massa.ghtml>>. Acesso em 19, agosto, 2020.

JUCÁ, Beatriz. Escândalo da Prevent Senior ganha rosto com depoimentos de médico e paciente à CPI da Pandemia. *El País Brasil* 07 out 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-07/escandalo-da-prevent-senior-ganha-rosto-com-depoimento-de-medico-e-paciente-a-cpi-da-pandemia.html>>. Acesso em 19, agosto, 2020.

KRAJC, Marian; ORTMANN, Andreas. Are the unskilled really that unaware? An alternative explanation. *Journal of Economic Psychology*, v. 29, n. 5, 2008. p. 724-738.

KRUGER, Justin; DUNNING, David. Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 77, n. 6, 2000. p. 1121-34

\_\_\_\_\_. Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One's Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments. *Psychology*, v. 1, 2009. p. 30-46.

MACEDO, Adriana Ribeiro de. A pandemia de Covid-19 e a ciência médica entre o crédito e o descrédito 1. *Jornal GGN* 10 mar 2021. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/ciencia/a-pandemia-de-covid-19-e-a-ciencia-medica-entre-o-credito-e-o-descredito-1-por-adriana-ribeiro-de-macedo/>>. Acesso em 12 jan. 2023.

MCCLOSKEY, Deirdre. *Os pecados da economia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MIRANDA, Evaristo. Panorama ambiental no Brasil. *Revista cafeicultura*, 12 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kv4Wqj1yWhs>>. Acesso em 19 ago. 2020.

MOSS-RACUSIN, Corinne; DOVIDIO, John; BRESROLL, Victoria et al. Science faculty's subtle gender biases favor male students. *PNAS*, v.109, n. 41, 2012. p. 16474-9

NAVAS, María Elena. Coronavírus: como o mundo desperdiçou a chance de produzir vacina para conter a pandemia. *BBC News Mundo*, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52238530>>. Acesso em 19 ago. 2020.

NEWMAN, Lily. Peter Higgs diz que não conseguiria repetir seu feito no mundo acadêmico de hoje. *Uol*, 9 dez. 2013. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/peter-higgs-feito-academico-hoje>>. Acesso em 19 ago. 2020.

NOBRE, Antônio Donato. *O Futuro Climático da Amazônia: Relatório de Avaliação Científica*. Editora: Articulación Regional Amazónica (ARA), 2014. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/futuro-climatico-da-amazonia.pdf>>. Acesso em 19 ago. 2020.

PENNA, Fernando de Araújo. Programa “Escola sem Partido” uma ameaça à educação emancipadora. In: MACHADO, André Roberto; TOLEDO, Maria Rita de Almeida (orgs.). *Golpes na história e na escola: o Brasil e a América Latina nos Séculos XX e XXI*. São Paulo: Cortez: ANPUH SP – Associação, 2017.

RAATZ, Luiz. Bolsonaro defende reabertura do comércio “com responsabilidade”. *CNN*, 23 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/08/23/bolsonaro-defende-reabertura-e-cita-declaracao-da-oms-sobre-saude-e-economia>>. Acesso em 19 ago. 2020.

REZENDE, Constança. Weintraub diz que não quer mais sociólogo, antropólogo e filósofo com dinheiro público. *Uol*, 14 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/videos/2020/06/14/ministro-da-educacao-diz-que-nao-quer-mais-sociologico-antropologo-e-filosofo-com-dinheiro-publico.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SABÓIA, Gabriel. Rio: 14 profissionais da saúde recusaram a CoronaVac. *UOL Rio*, 22 jan 2021. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/22/rio-14-profissionais-da-saude-recusaram-a-coronavac-diz-secretario.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SAMPAIO, Cristiane. Em silêncio e segurando cruzeiros, enfermeiros protestam na porta do Planalto. *Brasil de Fato*, 01 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/01/em-silencio-e-segurando-cruzeiros-enfermeiros-protestam-na-porta-do-planalto>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SANTOS, Inês Moreira. França suspende milhares de profissionais de saúde não vacinados: vacinação passou a ser obrigatória no país. *Agência Brasil EBC*, 16 set. 2021. Disponível em:<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-09/franca-suspende-milhares-de-profissionais-de-saude-nao-vacinados>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz.; STARLING, Heloísa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. Historiadora traça paralelo entre a gripe espanhola e a pandemia de Covid-19. Portal do STF, 12 jun. 2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=467496&ori=1>>. Acesso em 05 jan. 2023.

SILVEIRA, Luiz. Cloroquina foi liberada para colocar "ponto final" em polarização. *iG*, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-04-23/cloroquina-foi-liberada-para-colocar-ponto-final-em-polarizacao.html>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SOARES, João Paulo. Estimulados por Bolsonaro, fazendeiros promovem "dia do fogo" na Amazônia. *Brasil de Fato*, 15 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/08/15/estimulados-por-bolsonaro-fazendeiros-promovem-dia-do-fogo-na-amazonia/>>. Acesso em 19 ago. 2020.

STAUB, Selva; KAYNAK, Ramazan. Is an Unskilled Really Unaware of it? *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 150, n. 15, 2014. p. 899-907.

STENGERS, Isabelle. La proposition cosmopolitique. In: LOLIVE, Jacques.; SOUBEYRAN, Oliver (orgs.). *L'émergence des cosmopolitiques*. Paris: La Découverte, 2007.

SUDRÉ, Lu. “Lucro é o objetivo principal”, diz professor da Uninove demitido em meio à pandemia: Universidade particular demitiu mais de 300 docentes por mensagem virtual no início da semana; Sindicato recorreu ao TRT. *Brasil de Fato*, 25 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/25/lucro-e-o-objetivo-principal-diz-professor-da-uninove-demitido-em-meio-a-pandemia>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SUDRÉ, Lu. Dossiê faz raio-x do “Future-se” e mostra por que universidades rejeitaram o projeto: Documento produzido por grupo de pesquisa da UFBA analisa implicações de projeto de Bolsonaro para universidade pública. *Brasil de Fato*, 22 nov. 2019b. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/22/dossie-detalha-propostas-do-future-se-e-preve-destruicao-do-ensino-superior>>. Acesso em 19 ago. 2020.

SUDRÉ, Lu. Projeto “Future-se” é o fim da democratização das universidades, avalia reitor da UFC: Para Henry Campos, a pluralidade socioeconômica dos estudantes das federais está em risco com política de Bolsonaro. *Brasil de Fato*, 05 ago. 2019a. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/08/05/projeto-future-se-e-o-fim-da-democratizacao-das-universidades-avalia-reitor-da-ufc>>. Acesso em 19 ago. 2020.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VALLE, Lílian. O idiota, o especialista e o diplomata: reflexões sobre o cosmopolitismo e sobre a prática de formação humana. *Educação e Sociedade*, v. 40, e0223225, 2019, p.1-17.

VEJA. Bolsonaro elogia ideia de Weintraub de reduzir verba a cursos de filosofia. *Veja*, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-elogia-ideia-de-weintraub-de-reduzir-verba-a-cursos-de-filosofia/>>. Acesso em 19 ago. 2020.

WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

WILKE, Valéria C. L. Pós-verdade, fake news e outras drogas: vivendo em tempos de informação tóxica. *Logeion: Filosofia da Informação*, v. 7, n. 1, 13 set. 2020. p. 8-27.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda et al (Org). *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Recebido em: 27.09.2022

Aprovado em: 15.01.2023